

Irã e Israel trocam ataques em segundo dia de conflito

EUA participou de ação militar que matou líder iraniano Ali Khamenei

/ ORIENTE MÉDIO

O segundo dia da guerra iniciada por Estados Unidos e Israel contra o Irã começou com a intensificação da resposta de Teerã pelo ataque que matou seu líder supremo, Ali Khamenei, no sábado. O Estado judeu, por sua vez, atacou com força a capital iraniana e o que chamou de dezenas de centros de comando do rival.

O espriamento da violência eleva temores de que o conflito se amplie, tragando as monarquias árabes do golfo Pérsico que estão sendo submetidas a um inédito regime de apreensão com drones e mísseis iranianos caindo sobre suas prósperas cidades.

Após a confirmação da morte de Khamenei, na madrugada deste domingo no Irã, o país prometeu a maior ação militar de represália dos 47 anos da República Islâmica, uma forma de sinalizar a continuidade do regime. Forças do país voltaram a atacar posições dos EUA e aliados no Oriente Médio, além de lançar mísseis contra Israel.

Em Sharjah, pacata cidade dos Emirados conhecida pela preservação de arquitetura e cultura tradicionais, um mercado foi atingido por destroços de drones e há o temor de que muitas pessoas estejam sob os escombros. No país, houve ataques em Dubai e Doha, e na vizinhança, em Manama (Bahrein). O porto de Abu Dhabi ficou em chamas.

Houve 1 morto e 32 feridos no Kuwait, e 3 mortos e 58 feridos nos Emirados Árabes. Até aqui, segundo o Comando Central dos EUA, três soldados americanos foram mortos e cinco ficaram gravemente feridos. No Irã, a única contagem foi do Crescente Vermelho, de 201 mortos e 747 feridos no sábado.

Teerã tem apostado no simbolismo de sua ação, principalmente contra Dubai, que é a joia da coroa no imaginário ocidental da opulência dos regimes autoritários árabes da região, com seus arranha-céus e arquitetura arrojada - e em paz com Israel. O aeroporto da cidade, assim como em Abu Dhabi e no Qatar, foi fechado.

Os dois prédios mais conhecidos da cidade foram alvejados: o hotel em forma de vela Burj Al-Arab foi atingido por um drone, e o maior edifício do mundo, o Burj



Teerã foi atingida por mísseis israelenses no decorrer deste domingo

Khalifa, quase recebeu impactos. “Está todo mundo assustado, não achávamos que ia continuar”, disse o consultor paulista Mauro Araújo, que tinha passagem de volta para esta segunda. “Não sei como vai ser.”

Os iranianos também alvejaram uma base americana em Erbil, no Iraque. Na província de Diyala, no mesmo país, quatro membros das Unidades de Mobilização Popular, um grupo armado xiita, foram mortos em ataques com drones. Houve ainda uma grande explosão em Riad, capital saudita. Os sauditas são os maiores adversários de Teerã no mundo árabe, mas têm exercido cautela até aqui, até pela presença de Israel na coalizão de Trump.

A chancelaria dos Emirados, por sua vez, voltou a pedir que o Irã pare os ataques, dizendo que “esta guerra não é contra seus vizinhos”. Os países já se enfrentaram indiretamente na guerra civil do Iêmen, onde apoiavam lados opostos. Em comum, todos esses países árabes têm bases ou permitem o uso de instalações por americanos.

Neste domingo, nove pessoas morreram após um ataque com mísseis na cidade israelense de Beit Shemesh, informou o serviço de ambulâncias do país. A retaliação também chegou até Omã, o sultanato que desde 2025 servia de mediador nas conversas indiretas entre EUA e Irã acerca do programa nuclear da teocracia, que estavam em curso quando Trump resolveu atacar.

No lado dos agressores, a guerra continuou com intensidade neste domingo. Caças israelenses voltaram a bombardear Teerã, com

a mídia local divulgando imagens de grossas colunas de fumaça. Segundo Tel Aviv, o alvo foi o quartel-general da Forças Armadas iranianas. Depois, ao longo do dia, as forças israelenses atingiram o que qualificaram de dezenas de centros de comando, a maioria ligada à Guarda Revolucionária iraniana. No ataque de sábado, a cúpula militar do país foi morta durante uma reunião presencial em Teerã.

Morreram no bombardeio o chefe da Guarda, Mohammad Pakpour, o poderoso conselheiro de Defesa Ali Shamkhani, o ministro Aziz Nasirzadeh e o chefe do Estado-Maior, Abdolrahim Mousavi, além de outros oficiais. Israel diz que o número de mortos chegou a 40 pessoas, incluindo cientistas do programa nuclear do país.

Não está claro o papel americano na ação neste domingo. No sábado, foram divulgadas imagens de lançamento de mísseis de cruzeiro Tomahawk e decolagens de caças F-35 e F-18 do porta-aviões Abraham Lincoln, mas publicamente o grosso do ataque parece ter sido feito pelas 200 aeronaves de Israel envolvidas.

O Centcom confirmou que quatro bombardeiros furtivos ao radar B-2, que como não podiam usar bases britânicas a distância segura devem ter voado diretamente dos EUA, participaram dos ataques. Segundo os relatos, os americanos focaram em instalações fortificadas e na infraestrutura militar do país persa, enquanto os israelenses miraram as lideranças e as defesas aéreas. O B-2 ganhou fama no ataque do ano passado a centrais nucleares do Irã, também voando dos EUA.

Guerra se espalha pelo mar, e Trump diz ter afundado navios iranianos

O Irã atacou um porta-aviões dos Estados Unidos neste domingo, dia em que a guerra entre os dois países e Israel se espalhou pelos mares do Oriente Médio. Os americanos, por sua vez, anunciaram ter afundado nove navios de Teerã, que também atingiu ao menos três petroleiros no estreito de Ormuz.

O anúncio americano foi feito pelo presidente Donald Trump. “Vamos atrás dos demais - eles também logo estarão no fundo do mar! Em outro ataque, destruímos grande parte do quartel-general da Marinha deles”, disse.

A ação de Teerã mais dramática foi aquela contra o porta-aviões USS Abraham Lincoln, que participa da guerra operando no mar Árábico, perto de Omã. Segundo a unidade de elite Guarda Revolucionária, quatro mísseis foram lançados contra o navio, um dos 11 da frota americana de porta-aviões. As forças de Trump disseram que os projeteis “não chegaram nem perto” da embarcação.

Pouco antes, dois incidentes mostraram que a guerra está ativa no estreito de Ormuz. Primeiro, um

petroleiro de bandeira de Palau foi atingido por um projétil perto da costa de Omã, deixando quatro feridos e forçando a evacuação da embarcação. Depois, o site de rastreamento marítimo Marine Traffic anunciou que outro petroleiro, o MKD Vyon, também foi atingido na região, deixando um morto. O navio tem bandeira das ilhas Marshall, país que tem uma associação especial com os EUA.

Comprovando o ambiente de risco elevado, o Marine Traffic apontou que cerca de 150 petroleiros e navios de transporte de gás natural liquefeito baixaram suas âncoras em águas territoriais de países do Golfo Pérsico antes de seguir viagem pelo estreito, que tem apenas 40 km de largura no seu ponto mais apertado.

Ainda não houve uma ordem formal de fechamento do estreito, mas tudo indica que as empresas transportadoras não estão querendo pagar para ver. O impacto da situação depende de sua extensão e duração, mas é inevitável uma alta dos preços futuros do petróleo, com potencial efeito inflacionário.

Morte de aiatolá dispara processo sucessório e ameaças de vingança

A mídia estatal iraniana confirmou a morte do líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, na noite de sábado. A morte havia sido anunciada horas antes pelas redes sociais pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Ao confirmar a morte de Khamenei, a emissora de televisão estatal não mencionou o ataque à residência do aiatolá por Israel e Estados Unidos. Segundo The New York Times, o apresentador da TV vestiu preto e, contendo as lágrimas, leu um comunicado do Conselho Supremo Nacional sobre o líder supremo do Irã.

A República Islâmica do Irã nomeou o aiatolá Alireza Arafí como parte do conselho interino que governará o país até a escolha, pela Assembleia de Peritos, de um substituto para Khamenei. Ele integra o Conselho de Guardiões, importante órgão de supervisão das leis no Irã. Além dele, participam do conselho o presidente Masoud Pezeshkian e o chefe do Judiciário, Gholamhossein Mohseni-Ejei. Além de Arafí, outro cogitado para novo líder supremo e Mojtaba Khamenei, filho do falecido aiatolá.



Protestos pela morte de Khamenei ocorreram em países como Turquia